



## LÚCIO CARDOSO ARTISTA PLURAL

Cássia dos Santos

**Resumo:** Visão panorâmica da produção artística de Lúcio Cardoso, abrangendo seus romances, novelas, peças, contos, poemas, diários, cinematografia, desenhos e telas.

**Palavras-chave:** Lúcio Cardoso, literatura brasileira.

**Abstract:** An overview on Lúcio Cardoso's artistic production, including his novels, plays, short stories, poems, diaries, cinematography, drawings and paintings.

**Key-words:** Lúcio Cardoso, Brazilian literature.

Entre o fim da década de 1950 e o início dos anos 1960, o escritor Lúcio Cardoso publicou, provavelmente no *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, um texto intitulado “Por que pinto?”. Nesse breve texto, que se fazia acompanhar na página do periódico pela reprodução do desenho “Urubus”, feito por ele, Lúcio afirmava não se considerar um pintor autêntico e expunha os motivos que o impeliam a pintar com os seguintes termos:

Devo dizer inicialmente que não me sinto um pintor, deste ponto de vista que um pintor é um artista consciente que congrega todas as suas forças, sua totalidade de sentir e de ver em torno daquilo que cumpre, que no caso é o quadro.

Esforço-me para não partir de um princípio literário, mas para usar a cor como um artista plástico a usaria, o que me parece mais um recurso da inteligência do que da autenticidade. Sei que certas cores se decompõem em conjunto com outras, e elaboro-as, com certa intuição, convicto de que um quadro é um problema a ser resolvido do ponto de vista do óleo, que óleo é um elemento que se faz escurecer aqui para se fazer brilhar mais além. Nunca me permiti pastichar coisa alguma porque infelizmente nunca consegui levar a efeito senão o inventado por mim. Um traço feito por mim geralmente é mau, mas sempre meu, o que em pintura pode não querer dizer coisa alguma, mas que tem significado enquanto me consideram um artista. Artista de quê? Se invento, minha invenção, no entanto, não é rica: pinto sempre visões da mesma cidade. Não sei qual seja, nem onde seja — sei que existe. Escavando em mim, encontro-a sempre: é a mesma que desesperadamente tendo<sup>i</sup> reproduzir em meus romances. Portanto aí está: pinto enquanto o romance não me satisfaz. Persigo tenazmente essa visão que me sufoca, e que compõe o meu íntimo como a essência que me revestisse. Minha pintura nasce de uma carência que não consigo suprir. Por isto é que digo — sei que não sou, que jamais serei um pintor verdadeiro. Falta-me inocência para tanto. Estou comprometido demais na aventura e sou por demais eu mesmo, para não ser no que quer que faça senão aquilo que me elege e me aniquila: um desesperado romancista... (CARDOSO, s. d.).<sup>ii</sup>



Essas palavras são um bom ponto de partida para discutir quem é e que lugar cabe ao autor nos quadros da literatura e da cultura brasileira na ocasião em que se comemora o seu centenário. Nascido na cidade mineira de Curvelo em 14 de agosto de 1912 e morto prematuramente no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1968, aos 56 anos de idade, Lúcio Cardoso permaneceu durante anos e anos como um dos grandes desconhecidos da literatura brasileira. Ignorado pelo grande público e pouco estudado pela crítica acadêmica, começou a ter seu nome mais divulgado a partir de 1999, quando a Civilização Brasileira deu início a um projeto de reedição de suas obras, há tantos anos fora de catálogo. À edição comemorativa de 40 anos da *Crônica da casa assassinada*, seu romance mais significativo, lançado pela José Olympio em 1959, seguiram-se as publicações dos quatro outros romances que concluiu: *Maleita*, o romance de estreia, de 1934, foi relançado em 2005; *Salgueiro*, o segundo romance, de 1935, em 2007; *A luz no subsolo*, o terceiro romance, de 1936, em 2003; *Dias perdidos*, o quarto, de 1943, em 2006. A Civilização Brasileira reeditou, ainda, quatro das seis novelas dadas a lume pelo ficcionista. Em um volume conjunto, saíram, em 2000, *Mãos vazias*, de 1938, e *O desconhecido*, de 1940. Em 2002, foram reunidas as duas primeiras novelas do ciclo denominado *O mundo sem Deus*, intituladas *Inácio*, de 1944, e *O enfeitado*, de 1954, aos originais até então inéditos de *Baltazar*, a derradeira novela da trilogia, que Lúcio Cardoso não chegou a ultimar.

Ao empreendimento notável levado a efeito pela casa carioca, veio se juntar, em 2006, a iniciativa da editora da Universidade Federal do Paraná, que publicou na obra *Teatro reunido*, organizada por Antonio Arnoni Prado, as oito peças teatrais deixadas completas pelo escritor mineiro. Dessas, somente duas não eram inéditas: *O escravo*, lançado pela editora Zélio Valverde em 1945, e *O filho pródigo*, veiculado em periódico em 1949, e, em livro, em 1961. A primeira peça chegara aos palcos em 10 de dezembro de 1943, numa montagem realizada pelo grupo “Os Comediantes”; a segunda, por sua vez, fora levada à cena em 5 de dezembro de 1947 pelo “Teatro Experimental do Negro”, fundado por Abdias do Nascimento. Além dessas duas peças, o *Teatro*



*reunido* continha *A corda de prata* e *Angélica*, encenadas pela primeira vez respectivamente em 6 de outubro de 1947 e em 8 de dezembro de 1950 pela companhia “Teatro de Câmara”, criada pelo próprio Lúcio. Das outras quatro peças inéditas existentes no livro, a única a ser montada e exibida em um programa da TV Continental em 20 de agosto de 1961 foi *O homem pálido*, graças ao empenho de Fábio Sabag. As outras três, nunca encenadas, eram *Os desaparecidos*, peça em três atos, e *Prometeu libertado* e *Auto de Natal*, duas curtas peças de um único ato.<sup>iii</sup>

Se o lançamento do *Teatro reunido* e todos os (re)lançamentos feitos pela Civilização Brasileira representaram um grande impulso para que o nome de Lúcio Cardoso como ficcionista e dramaturgo se tornasse mais conhecido, o aparecimento da *Poesia completa*, em edição crítica de Écio Macedo Ribeiro em 2011, propiciou que se tomasse contato com a produção poética do autor. Em um alentado volume, foram inseridas as composições já divulgadas em *Poesias*, de 1941, e em *Novas poesias*, de 1944, cujas primeiras edições haviam sido de responsabilidade de José Olympio, e também o conteúdo dos *Poemas inéditos*, que haviam sido coligidos e apresentados por Octavio de Faria em 1982 sob o selo da Nova Fronteira. Em um extraordinário trabalho de investigação e de recolha, Ribeiro incluiu na *Poesia completa*, também, inúmeros poemas publicados em vida por Lúcio Cardoso em jornais e periódicos, outros publicados após a sua morte e outros, por fim, totalmente inéditos e parte integrante sobretudo do vasto material depositado em seu arquivo na Fundação Casa de Rui Barbosa.

Como resultado do esforço do pesquisador, firmou-se a percepção de que o romancista da *Crônica da casa assassinada* fora um poeta mais prolífico do que até então se supusera. Outras publicações do ano de 2012 evidenciaram, ainda, que os interesses de Lúcio Cardoso na esfera da criação artística não se limitaram às obras já mencionadas. No mês de novembro desse ano, a Civilização Brasileira pôs à venda nas estantes das livrarias mais dois livros com escritos parcialmente inéditos do autor: *Contos da ilha e do continente*, selecionados e prefaciados por Valéria Lamego, e os *Diários*, organizados por



Ésio Macedo Ribeiro.

Sem nunca ter concluído os estudos regulares e não tendo frequentado nenhum curso universitário, Lúcio Cardoso trabalhou inicialmente em escritórios de companhias de seguros para atuar profissionalmente mais tarde como jornalista e tradutor. Embora confessasse nunca entrar em um jornal sem cometer uma violência contra si mesmo (CARDOSO, 2012, p. 318), o escritor teve nas redações de variados jornais o seu emprego mais constante. Muitas vezes, sua produção não era assinada, como demonstra a anotação de 9 de outubro de 1951, existente nos *Diários*:

O horrendo jornal em que agora trabalho absorve-me quase todo o tempo. Não resta dúvida de que ganhar dinheiro é uma coisa penosa. Como nunca assino os artigos que escrevo, tenho a nítida impressão de ser uma coisa alugada, servindo a uma horrível voz, rouca e cheia de nuances canalhas, que é a do diretor e que se situa do outro lado do tabique, mesmo ao meu lado. (CARDOSO, 2012, p. 382-383).

Outra parte de sua produção, contudo, os textos de caráter literário e ficcional, era sempre publicada com o seu nome. Pesquisando nos acervos da Biblioteca Nacional, Valéria Lamego localizou e editou vários contos do ficcionista veiculados no periódico *Letras e Artes*, suplemento literário do jornal *A Manhã*, nos anos de 1940 e 1950. O título escolhido para a coletânea foi sugerido pelo próprio Lúcio, em fragmento de 24 de outubro de 1958 dos *Diários*:

Neste pequeno intervalo, escrevi um conto: *Colchão velho* — que muito me satisfaz. Preparo um outro: *Atriz no bar*. Ambos para um jornal de São Paulo, e que marcarão o início de um novo livro de contos, bem diferente de *Contos da ilha*. Título? Não sei. Qualquer coisa como *Contos do continente*. Mas, evidentemente, com o tempo acharei melhor. (CARDOSO, 2012, p. 439-440).

Além do material recolhido por Valéria Lamego, que abarca também outros textos da década de 1930, há, ainda, muitos contos e alguns textos de crítica de Lúcio Cardoso em outros jornais, à espera de pesquisa, seleção, organização e publicação em livro. O mesmo não vale para os *Diários*, a outra obra lançada em 2012 pela Civilização Brasileira, que agregam em um único



volume os fragmentos do *Diário: I*, publicado no fim de 1960 pelo romancista, o conteúdo do *Diário completo*, editado postumamente pela José Olympio em 1970, e outros escritos inéditos, depositados no arquivo na Fundação Casa de Rui Barbosa.

Incorporando ao livro anotações que haviam permanecido desconhecidas entre os originais do autor mineiro em seu arquivo, Ésio Macedo Ribeiro realizou tarefa valiosa. Recolocando na ordem cronológica muitos trechos dos *Diários* que haviam sido inexplicavelmente apresentados com as datas alteradas no livro publicado pela José Olympio em 1970, Ribeiro tornou possível avaliar mais adequadamente o caminho trilhado por Lúcio Cardoso nas décadas de 1940, 1950 e início da década de 1960.

A leitura da obra revela sobretudo os muitos interesses que o impulsionavam e que explicam a sua incursão pelas variadas áreas citadas neste artigo: romance, novela, conto, poema, drama, tradução, além da pintura, que praticaria com regularidade depois do acidente vascular cerebral sofrido em dezembro de 1962, e do cinema. Nesse setor, depois de haver redigido o roteiro do longa-metragem *Almas adversas*, que estrearia somente em 18 de maio de 1950 (CARDOSO, 2012, p. 250), Lúcio se arriscou em uma empresa ainda mais ambiciosa: a criação do filme *A mulher de longe*, para o qual concebeu a história e escreveu o roteiro, além de assumir o papel de diretor. Dando início a esse projeto em agosto de 1949, ele não teve recursos financeiros para levá-lo até o fim: as dívidas se acumularam, a filmagem foi interrompida e o inexperiente cineasta enfrentou três processos na Justiça do Trabalho, como explica nos *Diários*. (CARDOSO, 2012, p. 231).

Desaparecido durante décadas, o copião do filme foi recuperado por Luiz Carlos Lacerda de Freitas no acervo da Cinemateca Brasileira. Amigo de Lúcio Cardoso e filho de João Tinoco de Freitas, que havia sido produtor de *A mulher de longe* em 1949, Lacerda elaborou em 2012 “uma espécie de documentário poético” (ALMEIDA, 2012) sobre o filme inacabado a partir das imagens originais que subsistiram. Sua iniciativa propiciou ao grande público tomar conhecimento de mais uma faceta do extraordinário criador de Curvelo: sua



produção cinematográfica.

Se, desde 1988, a extrema versatilidade de Lúcio Cardoso já era evidente para o pequeno número de leitores que havia tido contato com *Corcel de fogo*, o livro de Mario Carelli que aborda a vida e obra do romancista mineiro, somente no início deste século XXI a percepção desse fato se generalizou a ponto de romper as barreiras da academia e atingir um público mais amplo. Para tanto, foram relevantes todas as publicações e lançamentos aqui referidos, que tornaram patente uma característica sobre a qual o próprio Lúcio não se iludia, como prova este trecho de 13 de novembro de 1949 dos *Diários*:

O grande trabalho da minha vida é coordenar todos os elementos, bons e maus, de que me sinto composto. Percebo que tenho um sangue de aventureiro, de cigano ou saltimbanco, aliado a não sei que instinto feroz e perfeitamente homicida. Reúne-se a isto uma diabólica fantasia, que me faz julgar todas as coisas extremamente fáceis às minhas intenções. Mas, ai de mim, são tão pobres as minhas forças, que mal consigo levantar uma parte do que me sinto capaz. Quando Deus me dará forças para ser paciente com meus pobres limites? Queria tudo, fazer tudo — e num espaço de tempo mínimo. Mas aos poucos vou compreendendo que o meu mundo é outro — a imaginação que me foi dada é para criar um universo que não me fira com suas arestas, uma cidade prisioneira do papel branco, feita de palavras. A sabedoria é fazer calar este sangue selvagem, que arde nas minhas veias. Se puder, no entanto. (CARDOSO, 2012, p. 226).

Essa tendência à multiplicidade, que o levaria a enveredar por áreas tão distintas, não passaria despercebida àqueles que lhe eram próximos. Acompanhando sua trajetória desde antes da estreia com *Maleita*, como recorda no texto “Memória de Lúcio Cardoso (I)”, o amigo e também escritor Octavio de Faria assinalaria esse vaguear incessante, que a muitos poderia parecer resultante da dispersão e da boemia. O que mais chamava a atenção de Faria era o fato de Lúcio haver abandonado a formulação da trilogia *A luta contra a morte* — da qual *A luz no subsolo*, de 1936, fora o único volume a ser publicado — para se lançar a outras atividades. Desistindo da composição de *Apocalipse*, o segundo livro do ciclo, ele deixava de responder às indagações propostas nas páginas finais do romance de 1936:



Ora, ao invés desses romances do ciclo de *A luta contra a morte*, o autor, durante mais de vinte anos, desdobrou-se em novelas, contos e dramas, em páginas de diário e poesias — e até mesmo num belo romance, *Dias perdidos* — que, se eram interessantíssimos como obras em si, se nos davam testemunhos valiosíssimos da multiplicidade dos seus talentos, *não eram* a resposta esperada em relação aos problemas colocados nas páginas finais de *A luz no subsolo*. [...] Que sucedera ao romancista Lúcio Cardoso? Por que *Apocalipse* não chegara a tomar forma definitiva? Por que as perguntas colocadas nas páginas finais de *A luz no subsolo* não tinham tido resposta imediata? Por que o autor se lançara então, e tão ardorosamente, na técnica da novela para, anos depois, tentar com igual paixão, o substitutivo do drama? Por que a tentação das pequenas confissões que são o substratum dos livros de poesia, das páginas do *Diário*, do próprio *Dias perdidos*? Por que esse como que tatear no vago, essa verdadeira luta contra as sombras interiores, que se diria mais uma fuga ante um intransponível obstáculo do que um itinerário de autêntico ficcionista? (FARIA, 1991, p. 662).

No texto citado, redigido especialmente para uma edição reunida dos romances cardosianos que a Aguilar nunca chegou a lançar, o próprio Octavio de Faria se encarregaria de apresentar uma explicação plausível para a interrupção do ciclo, sustentando que as questões existentes em *A luz no subsolo* não poderiam ser respondidas pelo “quase rapazola” que o autor mineiro era em 1936-1937. Somente a passagem do tempo, o acumular da experiência vivida poderiam conferir a Lúcio a maturidade necessária para dar o salto que separa o seu primeiro grande romance (*A luz no subsolo* — 1936) do seu segundo grande romance (*Crônica da casa assassinada* — 1959).

Com efeito, o criador da *Tragédia burguesa* não se enganava ao proferir esse julgamento no início dos anos de 1960. Tematicamente, a *Crônica da casa assassinada* se ligava a *A luz no subsolo* ao retomar os dramas e conflitos vivenciados pelos membros de uma elite em desagregação, em suas “velhas residências patriarcais que iam se desmantelando em fazendas comidas pelas hipotecas” (CARDOSO, 1971, p. 35-36). A leitura e análise de originais inéditos depositados no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa demonstram, ademais, que, já em 1936, Lúcio Cardoso trabalhava com temas, situações e personagens que seriam plenamente desenvolvidos no romance de 1959.

Merece ser destacada, ainda, a opinião do próprio ficcionista sobre o livro



em discussão. Com ele, acreditava inaugurar “sua obra definitiva”, como sublinhou em uma entrevista a Walmir Ayala em abril de 1958. Pensada desde o início como o primeiro volume de uma série totalmente ambientada em Vila Velha, cidade imaginária situada na Zona da Mata mineira, a *Crônica da casa assassinada* era, aos olhos de seu autor, uma espécie de prólogo da história de decadência, morte e destruição desse pequeno mundo apocalíptico, a que, paradoxalmente, também desejava dar vida.

O ciclo idealizado em torno do vilarejo fictício deveria prosseguir com o lançamento de *O viajante*, romance no qual o escritor trabalhou no ano de 1951 e cujos originais recuperou após o término da *Crônica da casa assassinada*. Embora ele tenha se ocupado de sua composição de 1958 até 1962, ano em que sofreu o acidente vascular cerebral, o livro nunca chegou a ser finalizado, tendo sido editado pela José Olympio graças aos esforços de Octavio de Faria, que reuniu e organizou os originais incompletos. No texto introdutório em que justificava o lançamento do romance do amigo e expunha as dificuldades com que se deparara na missão de divulgá-lo aos leitores, Faria assegurava que Lúcio Cardoso estaria totalmente de acordo com aquela publicação póstuma, tamanha a importância que sempre concedera à obra.

Muito provavelmente, mais uma vez Octavio de Faria devia estar certo ao fazer semelhante afirmação. Ao transcrever e analisar os “detritos de escrita” do romancista mineiro em estudo recém-editado, Beatriz Damasceno prova o quanto o destino do inacabado *O viajante* lhe ensombrou os últimos anos de vida. Apesar do novo caminho trilhado ao se dedicar aos desenhos e às telas, apesar das quatro exposições individuais de pintura promovidas e do sucesso conquistado, Lúcio nunca deixou de almejar a conclusão do romance.

Queria restabelecer-se para dar continuidade à sua obra literária, queria encerrar *O viajante*, como bem comprovam suas palavras registradas em pequenas folhas e pedaços de papel, tão zelosamente guardados pela irmã Maria Helena Cardoso e doados posteriormente ao arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa. “Tenho ainda 30 romances na cabeça!”, anota ele, em um dia de inquietude, grafando a palavra “romances” erroneamente. (DAMASCENO,



2012, p. 58). Em outra ocasião, consciente da sua singularidade e das limitações impostas pela doença, mas seguro de que nunca deixara de ser um escritor, observa: “Eu, escritor sou por fatalidade.” (DAMASCENO, 2012, p. 64).

Esses e outros fragmentos, reproduzidos também por Maria Helena Cardoso no livro *Vida-vida*, dão testemunho de uma vida totalmente dedicada à arte. Criador plural, Lúcio enfrentou sofrimentos e adversidades sem perder a “riqueza de dons que o fizeram, de nascença, fatalizado, um artista” (ANDRADE, 1965), como notou Carlos Drummond de Andrade depois de visitar a sua primeira exposição de pintura realizada na Galeria Goeldi.

## Referências

- ALMEIDA, Marco Rodrigo. Filme inacabado de Lúcio Cardoso terá exibição no Festival do Rio. *Folha de S. Paulo. Ilustrada*, São Paulo, 15 set. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/66262-filme-inacabado-de-lucio-cardoso-tera-exibicao-no-festival-do-rio.shtml>>. Acesso em: 6 fev. 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A mão esquerda. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 maio 1965.
- CARDOSO, Lúcio. *A luz no subsolo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/INL, 1971.
- CARDOSO, Lúcio. *A luz no subsolo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, Lúcio. *Contos da ilha e do continente*. Seleção, organização, notas e prefácio de Valéria Lamego. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição comemorativa de 40 anos da primeira publicação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CARDOSO, Lúcio. Crônica da casa assassinada — A véspera do livro. *Jornal do Brasil. Suplemento dominical*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1958. Entrevista concedida a Walmir Ayala.
- CARDOSO, Lúcio. *Diários*. Organização, apresentação, cronologia, estabelecimento de texto e notas por Écio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro:



Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, Lúcio. *Dias perdidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARDOSO, Lúcio. *Inácio, O enfeitado e Baltazar*. novelas. Prefácio e organização de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARDOSO, Lúcio. *Maleita*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CARDOSO, Lúcio. *O desconhecido e Mãos vazias*: novelas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARDOSO, Lúcio. *O viajante*: romance (obra póstuma). Nota de Adauto Lúcio Cardoso. Introdução de Octavio de Faria. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

CARDOSO, Lúcio. *Poesia completa*. Edição crítica de Ésio Macedo Ribeiro. São Paulo: EDUSP, 2011.

CARDOSO, Lúcio. Por que pinto? S.l. S.d. Recorte de jornal disponível para consulta no Arquivo Lúcio Cardoso na Fundação Casa de Rui Barbosa.

CARDOSO, Lúcio. *Salgueiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARDOSO, Lúcio. *Teatro reunido*. Posfácio de Antonio Arnoni Prado. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

CARDOSO, Maria Helena. *Vida-vida*: memória. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

CARELLI, Mario. *Corcel de fogo*: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968). Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

DAMASCENO, Beatriz. *Lúcio Cardoso em corpo e escrita*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FARIA, Octavio de. Introdução. In: CARDOSO, Lúcio. *O viajante*: romance (obra póstuma). Nota de Adauto Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. XIII-XX.

FARIA, Octavio de. Lúcio Cardoso. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica coordenada por Mario Carelli. Espanha: Arquivos, CSIC, 1991. p. 659-680.

FARIA, Octavio de. Memória de Lúcio Cardoso (I). *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 out. 1968.

PRADO, Antonio Arnoni. Apêndice. In: CARDOSO, Lúcio. *Teatro reunido*.



Curitiba: Ed. UFPR, 2006. p. 395-400.

PRADO, Antonio Arnoni. Posfácio. In: CARDOSO, Lúcio. *Teatro reunido*.

Curitiba: Ed. UFPR, 2006. p. 383-393.

---

<sup>i</sup> Equivocando-se, o autor utilizou a expressão "tendo reproduzir" no lugar de "tento reproduzir" ou de "tendo a reproduzir", as duas alternativas possíveis nesse contexto.

<sup>ii</sup> Recorte de jornal disponível para consulta no Arquivo Lúcio Cardoso no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. A caneta, há a anotação manuscrita "JB março 1961", que sugere que o texto teria sido veiculado pelo *Jornal do Brasil* no mês citado. Pesquisa realizada na coleção digitalizada do jornal não localizou o texto nesse mês, contudo, nem em outros meses próximos. Pela data registrada em "Urubus" (1958), que hoje integra o acervo do estudioso e bibliófilo Écio Macedo Ribeiro, supõe-se, assim, somente o período provável da publicação.

<sup>iii</sup> As datas das estreias de cada uma das peças, bem como as informações sobre os atores e outros profissionais que tomaram parte nas montagens, são dadas por Antonio Arnoni Prado no "Posfácio" e no "Apêndice" que escreveu para o *Teatro reunido*.